

## **A subida e descida da Serra Geral: uma prática que envolvia roceiros, tropeiros e estancieiros serranos**

Frank Cardoso Lummertz<sup>1</sup>

**Resumo:** O tropeirismo foi um sistema socioeconômico importante para ocupação e expansão do território brasileiro e para a distribuição e comércio de mercadorias. Esse sistema perdurou, de uma forma típica, na região dos Aparados da Serra até meados dos anos 1970. Com o deslocamento de tropas, muitas pessoas, de diferentes regiões, cruzaram o interior de Santa Catarina. Foram esses sujeitos que estabeleceram novas rotas, transportando mercadorias, facilitando a comunicação entre vários pontos do caminho e organizando o comércio. Nessa região, esta atividade do tropeirismo – ao qual subia e descia a Serra Geral – destacou-se, por fazer a ligação comercial entre os produtos serranos com os produtos do litoral. Renata Corvino (2005, p. 39), destacou a influência do tropeirismo na formação econômica, social e cultural do município de Praia Grande (SC). Para ela o “comércio, no período de 1900-1975, organizou-se em função do tropeirismo. Instalaram-se serrarias, ferrarias, lojas de mantimentos, engenhos, plantações e pousos para atender as necessidades dos tropeiros”. Supostamente essa atividade teve início com a chegada dos estancieiros serranos e agricultores da planície no século XIX. Seu último impulso com o envolvimento desses trabalhadores rurais com as serrarias no século XX. Nesse trabalho, a partir do relato oral de moradores da região, foi possível estabelecer uma breve trajetória dessa prática de transportar produtos no lombo de mulas e animais cargueiros.

**Palavras-chave:** História Oral, Memória, Aparados da Serra.

Na Pintada, podia-se escolher: ou seguir até a Roça da Estância (Passo Fundo) para alcançar a Serra do Cavalinho, onde havia trilhas de índios e passagens de animais silvestres, seguir até o Faxinalzinho ou Serra da Pedra Branca, ou então entrava-se em Esperança (Rio do Boi). Em Esperança podiam subir pela Serra da Cruzinha (trilha de mulas), saindo na Serra do Faxinal, ou seguir até o Fundo do Rio do Boi. Antes de entrar no perau, atravessavam o rio Pavão, encontrando a serrinha do Rio do Boi, saindo na Quebrada Funda<sup>2</sup> (CORVINO, 2005, p. 31).

O relato citado acima foi extraído de uma entrevista com um ex-tropeiro da região de Praia Grande (SC). Conhecedor dos caminhos, relata com prontidão sua experiência, ao descrever as possibilidades de escolha entre um caminho ou outro. Contemporâneo da época em que ainda não existiam estradas trafegáveis para automóveis, através da sua fala, revela aspectos de como era fazer o comércio, transportando mercadorias em tropas de mulas que

---

<sup>1</sup> Mestre em História, área de concentração em História do Tempo Presente. Email: [frankecoturismo@yahoo.com.br](mailto:frankecoturismo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Entrevista realizada com José Nunes da Silveira (Zezé Nunes), ex-tropeiro, pela historiadora Renata Corvino em 02 de julho de 2002.

subiam e desciam os vales e morros da Serra Geral. Uma prática que estendeu-se por um longo tempo até a chegada das estradas automotivas depois da segunda metade do século XX.

No decorrer dos séculos XVII e XIX, o tropeirismo foi um sistema socioeconômico de extrema importância para ocupação e expansão do território brasileiro. Esse sistema perdurou com suas próprias características na região dos Aparados da Serra até meados dos anos 1970<sup>3</sup>. Segundo uma historiografia local (RONSANI, 1999; CORVINO, 2005; BRIGHWELL, 2005), com o deslocamento de tropas, muitas pessoas, de diferentes regiões, cruzaram o interior de Santa Catarina. Foram esses sujeitos que estabeleceram novas rotas, transportando mercadorias, facilitando a comunicação entre vários pontos do caminho e organizando o comércio.

Na região dos Aparados da serra, essa atividade do tropeirismo – ao qual subia e descia a serra – destacou-se, entre tantas outras rotas seguidas, por fazer a ligação comercial entre os produtos adquiridos no alto da serra com os do litoral. A historiadora Renata Corvino (2005, p. 39), destacou a influência do tropeirismo na formação econômica, social e cultural do município de Praia Grande (SC). Para ela o “comércio, no período de 1900-1975, organizou-se em função do tropeirismo. Instalaram-se serrarias, ferrarias, lojas de mantimentos, engenhos, plantações e pousos para atender as necessidades dos tropeiros”. Essa atividade comercial e econômica com o passar do tempo tornou-se uma prática utilizada por muitos habitantes da região caracterizando a formação cultural e desenvolvendo a economia de muitas localidades.

Essa atividade estendeu-se por várias áreas do território nacional (principalmente no eixo Rio Grande do Sul – Minas Gerais). No entanto, para a região em questão, algumas peculiaridades no “modo de fazer” chamam a atenção. Primeiramente, devido a imposição natural da encosta da Serra Geral (contrafortes e vales íngremes que podem chegar a 900 metros a nível do mar), essa prática ganhou destaque no meio social daquele período pela razão de ser o melhor “jeito” de subir e descer a serra com segurança, tornando essa prática uma atividade econômica rentável<sup>4</sup>. Por segundo, que o tropeirismo local, difere daquele praticado durante o século XVIII ao qual deslocava tropas de mulas da província do Rio Grande do Sul à Sorocaba (SP). Destacou-se nos Aparados da Serra por intermediar produtos oriundos da pecuária com os da agricultura. Também sendo um componente forte dos

---

<sup>3</sup> O declínio desse sistema está relacionado com a abertura da estrada Serra do Faxinal (SC – 290) para o trânsito automotivo em meados dos anos 1970.

<sup>4</sup> Por exemplo, na baixada da planície usava-se os carros de bois e carroças, as mulas com cargueiros eram exclusivos para a subida e descida de serras.

estancieiros no deslocamento, principalmente, de suas tropas bovinas na estação do inverno para as planícies baixas e verdejantes do “pé-da-serra”, o que ficou conhecido na região como as “invernadas”<sup>5</sup>. Neste caso apontado percebe-se duas características peculiares do tropeirismo, uma relacionada ao intercâmbio comercial de mercadorias – era necessário o uso desse transporte – e outra, quando do momento de reunir as tropas bovinas da estância para a passagem do inverno. Existe uma explicação para esse deslocamento das tropas das estâncias para as invernadas. Como os campos serranos secam durante o inverno, costumava-se em alguns casos, descer com os animais as encostas da serra para deixar o gado em um local com pastos verdes<sup>6</sup>, o que era mais comum na baixa planície do “pé da serra” com seu inverno menos rigoroso. Esse local com pasto verde onde o gado era encerrado chamava-se invernada.

O tropeiro por ser o sujeito dos caminhos, o sujeito da movimentação de mercadorias e notícias, acabava envolvendo-se com muitas pessoas, entre clientes e produtores. Quase sempre seus produtos partiam e chegavam de uma casa de secos e molhados localizados em pontos estratégicos para os negócios. Mas o tropeiro também podia negociar diretamente com os produtores. Por exemplo, entrava em contato com algum dono de engenho ou algum agricultor roceiro. O agricultor por sua vez também precisava deslocar sua mercadoria, tirá-la da roça. O agricultor utilizava do serviço desses mercadores tropeiros ou ele mesmo encarregava-se de possuir seus animais de carga para transportar seus produtos até os mercados consumidores. A diferença talvez, entre o tropeiro e o roceiro produtor é que o primeiro, por sua vez, poderia percorrer longas distâncias, ao passo que o desejo do agricultor era apenas encontrar o mercado e o negociante de seus produtos.

Para o tropeirismo na História do Brasil, sabe-se que existiam dois tipos de tropas que circulavam no transporte: as chamadas “tropas arreadas” e as “tropas xucras” (STRAFORINI, 2001, p. 24). A tropa xucra era formada por burros não preparados, ou não treinados, ou seja, não eram domados ou amansados para o transporte de mercadorias. Essas tropas não transportavam mercadorias. A tropa arreada, também chama de cargueira, por sua vez, era formada por animais já treinados para o transporte de mercadorias, muito útil para o comércio. Nesse caso, o tipo de tropeirismo que destacou-se na região dos Aparados da Serra foi a de tropa arreada, usada não só pelos tropeiros de ofício como também por roceiros lavradores.

---

<sup>5</sup> Brasil. Região Sul. Pasto extenso, destinado à criação de gado e/ou de outros animais, geralmente, delimitado por barreiras naturais ou artificiais.

<sup>6</sup> De outra forma, também era bastante aplicado no alto da serra durante os meses de inverno as queimas dos pastos.

Geograficamente o relevo da região dos Aparados da Serra é acidentado e íngreme, declives no qual surgem dezenas de vales por onde escorrem rios e riachos. A melhor opção para transporte de cargas neste caso era, sem dúvida, a mula ao invés de carros de bois e carroças. Segundo Corvino (2005, p. 31) para “essa região o movimento não se caracterizou pelo comércio de muares, mas, por sua utilização como meio de transporte, principalmente de mercadorias”.

Quem não era tropeiro de ofício mas morador das vilas do interior do Distrito de Praia Grande (SC) também tinha a opção de possuir uma mula para transportar a carga que bem desejasse. O Sr. Alziro Borges Ribeiro, agricultor da antiga comunidade do Fundo do Rio do Boi<sup>7</sup> e residente do município de Praia Grande (SC), recorda que até aproximadamente meados dos anos 1970 tudo era feito no lombo das mulas. No caso da comunidade do Fundo do Rio do Boi, além da passagem de tropeiros, era comum e rotineiro seus moradores subirem a serra pelas picadas existentes na encosta dessa localidade. Esse caminho era chamado de “Trilha da Cruzinha”. Dona Angelina, outra ex-moradora da antiga comunidade, recorda-se que:

O falecido meu pai fazia. Os que mais iam pra lá na serra eram o falecido meu pai, falecido compadre João. Eles iam a pé! Com os cargueiro por diante! Os caminho eram tudo capoeira, eles que roçaram, abriram, não sei se ainda existe naquelas grotas fundas uns pontilhão de madeira. Eles subiam o morro, no que pendia lá pro Itaimbezinho tinha umas grotas muito funda né. Então eles roçaram e fizeram uns pontilhão pra cruzar. Era picareta, machado, foice, essas coisas<sup>8</sup>.

Provavelmente, essas pessoas que “aventuravam-se” nas escarpas da serra para chegar nos campos possuíam motivos para lá estar. Na historiografia usada na região (BRIGHTWELL, 2005), sabe-se que levavam-se produtos oriundos da roça e traziam-se produtos oriundos da pecuária numa constante transação de negócios que envolvia a composição e o enriquecimento da dieta alimentar das pessoas. Era necessário esse trânsito comercial, via transporte de mulas, para assegurar os negócios e manter determinados produtos na mesa das famílias por toda a região. Nesse caso, a comunidade de Fundo do Rio do Boi tinha um privilégio; estar em uma localização muito próxima do principal consumidor dos produtos da roça: os moradores da serra e suas estâncias. Pois, conforme destacou Dona Angelina: “nóis subia pra cima da serra e tinha um carazal, e nós subia e saia em cima do

---

<sup>7</sup> Essa comunidade teve um ciclo econômico entre as décadas de 1930 e 1980, em que aproximava-se economicamente com as fazendas pecuaristas da serra gaúcha. Seu principal produto, o açúcar era comercializado no alto da serra, o que estimulava a prática de subir e descer a serra com mulas cargueiras. A comunidade passou por instabilidades econômicas e deixou de existir ao longo da década de 1980.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com a Sra. Angelina da Silva Selau, 77 anos, em 11 de abril de 2012.

campo e de lá eu tinha um irmão que morava lá pros fundo perto do Antonino Prestes. Ataiava muito!”. Existia de certa forma, para os moradores dessa localidade, uma noção de “atalho”, de encurtamento do caminho, essa aproximação com a serra passava uma impressão de atalho, ou seja, de proximidade com o destino consumidor. O fato de Dona Angelina ter um irmão morador do alto da serra, fez ela lembrar-se, também, das visitas e dos passeios que sua família mantinha como uma prática afetiva.

A respeito do tipo de mercadoria que negociava-se, o Sr. Alvacir, outro ex-morador da extinta comunidade, indica uma série de produtos cultivados na roça que quando excediam serviam de mercadorias negociáveis com os moradores do alto da serra. Relata ele que:

Na serra vendia também, era puxado de cargueirinho. Vendia em Cambará, bergamota, laranja, aipim, batata, banana. Volta e meia nós fazia uma viagemzinha para lá, pra não passar fome. A subida era ruim, botava tudo em cargueiro. Fazia um cestinho daquele, de taquara, um de cada lado. Às vezes vendia para lá pro fazendeiro com os cestos, pra eles puxar pastos, depois vinha pra casa fazia outro. Já vendia com tudo, pra sobreviver!<sup>9</sup>

Essa prática de subir carregado com produtos agrícolas e descer (em alguns casos), também carregado de produtos serranos (adquiria-se, por exemplo, também o vinho que era produzido nas comunidades descendentes dos colonos alemães e italianos de Caxias do Sul, Novo Hamburgo, São Marcos, etc.), foi caracterizado com peculiaridades, certamente, pela imposição do relevo geográfico da região. Uma prática tão comum em variadas regiões do Brasil, nos Aparados da Serra, ganhou características típicas. A subida íngreme da Serra Geral caracterizou particularmente o envolvimento entre as gentes moradoras de baixo da serra com os de cima. Mesclou duas culturas. Essa prática não só mexia com a questão econômica e do trabalho, como também, com o imaginário cultural que as pessoas faziam do lugar onde moravam. A mula e os cargueirinhos também chamados de “Bruacas” foram uma solução encontrada para dar dinamismo econômico nesta região e que ao mesmo tempo garantisse o transporte de ambas as mercadorias, abastecendo a mesa dos lares com a variedade de produtos negociáveis. O historiador Vilmar Peres Junior (2005, p. 60) chegou a dizer que durante o período de 1930 a 1960:

Praia Grande foi muito mais importante para a serra do que a serra para Praia Grande. Na região serrana, tanto gaúcha quanto catarinense havia pouca produção agrícola, pois a atividade econômica serrana direcionava-se ao comércio e à criação de gado. A maior parte dos alimentos de sua dieta alimentar básica vinha das roças da cidade de Praia Grande.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada com o Sr. Alvacir Rodrigues Pacheco, 53 anos, em 03 de novembro de 2013.

Essa é uma questão básica para entender o envolvimento que os moradores do “pé-da-serra” mantinham com o alto da serra e que vai substancialmente sintetizar a ideia referida para a compreensão das características que envolveram a “roça da estância<sup>10</sup>”. Sendo a pecuária o primeiro grande negócio econômico implantado na região, e neste caso, muitas das fazendas localizadas no borda dos campos serranos, não demorou muito para os patrões estancieiros, ainda no século XIX, perceberem que o solo e os campos que mantinham a pecuária não eram favoráveis a agricultura. Situação que colaborou efetivamente com o desbravamento dos vales da Serra Geral. Muitos peões e agregados da estância eram enviados a parte baixa da serra, entre os vales férteis da Mata Atlântica e com clima mais ameno para iniciar um roçado e gerar alimentos básicos que seriam consumidos na estância. Portanto acredita-se que esse comportamento – de tomar posse das terras dos vales que aproximavam-se da borda serrana – contribuiu efetivamente, assim como o tropeirismo local, para a ocupação e povoamento dessa região, gerando a noção de que, em muitos casos, a roça da estância não estava localizada dentro dos limites da estância, mas em terras dos arredores apossadas por seus patrões, por hora distantes da fazenda pecuarista e neste caso, as roças estavam localizadas na baixa planície e nos vales do “pé da serra”.

As estâncias e as fazendas serranas, após esse primeiro ciclo de desbravamento e implantação das roças, mantiveram esse contato mediado pelo trabalho – variável com o passar dos anos sobre vários aspectos, tais como a escravidão, a peonagem, o agregado, etc. – e com os próprios trabalhadores rurais agrícolas, que mais tarde estabeleceram-se nos vales férteis da serra, com a possibilidade exclusiva de abastecer a mesa dos moradores serranos com os produtos da roça. Mas também, não é de se omitir que as dezenas de famílias que começavam a compor os vilarejos e comunidades da parte baixa, na planície catarinense, também eram excelentes consumidores do charque, do queijo serrano, do salame, do vinho e do pinhão oriundo dos campos de cima da serra. Enfim, essa comercialização tornou-se viável devido ao local privilegiado como ponto de trocas entre as áreas produtivas da encosta e a formação de uma rede de moendas, alambiques e engenhos para a fabricação de açúcar mascavo que abastecia o crescente mercado serrano. Portanto, as características aqui apontadas, não só vai favorecer a implantação da “roça da estância” como também contribuir para o dinamismo dos trabalhadores que faziam essa ligação entre a serra e o litoral, ao qual ficaram conhecidos como tropeiros.

---

<sup>10</sup> Esse tema é melhor abordado em: LUMMERTZ, Frank C. *A Roça da Estância: memória e experiência de trabalhadores rurais nos Aparados da Serra, 1940-1986*. Dissertação de Mestrado, PPGH/UEDESC,

Tropeiros com sua mulas cargueiras. Nas fotos Edgar Esteves de Aguiar



Fonte: Gualberto Elias, 1960. Em <http://www.clicengenharia.com.br/praiagrande/transporte.htm>

Finalmente, após a instalação e consolidação das estâncias e das roças no “pé-da-serra”, é possível entender que houve um último impulso econômico que envolveu essas práticas até aqui abordadas (agricultura – tropeirismo – pecuária). É importante ressaltar que houve esse primeiro momento de ocupação e formação das roças e estâncias, ainda no século XIX, possibilitando a anexação das terras baixas por parte dos estancieiros ou a instalação de outros posseiros agricultores no início do século XX, tais como as famílias do Sr. Alziro e do Sr. Alvacir, entrevistados nesse trabalho. Ao longo dessa trajetória de ocupação e instalação de atividades econômicas, houve também, um último momento dessa transação que envolveu a roça e seus agricultores com o alto da serra. Esse último impulso foi o fluxo de instalação das serrarias, indústria que visava a retirada da madeira, principalmente as araucárias.

Iniciada nas primeiras décadas do século XX (de uma forma rústica até aproximadamente a década de 1930), foi a partir dos anos 1950 que as serrarias aumentaram e tiveram seu grande auge econômico de exploração das árvores nativas, principalmente as araucárias. As serrarias não deixam de ser um setor, mesmo que primário, do trabalho industrial. Dessa maneira, um grande contingente de novos trabalhadores deslocou-se e começaram a chegar à região atraídos pela oferta de trabalho nas serrarias. Uma diversidade

de mão de obra chegava, e essa mão de obra era distinta das existentes na região, pois, suas mãos que derrubavam a mata, não plantavam e não criavam gado, conduziam ferramentas e máquinas capazes de derrubar, transportar e serrar as árvores. Era necessário, de qualquer maneira, alimentar essas pessoas. O Sr. Alziro lembra que havia uma verdadeira movimentação econômica nas serrarias, e a sua família por serem produtores agrícolas, de um determinado período em diante, passaram a destinar boa parte dos alimentos colhidos na roça para as serrarias:

Quando eu era mais novo era difícil passar duas semanas que eu não subia a serra. A serrinha ia sair lá no seu Marçal. Se quisesse sair lá onde eu morava antigamente, nós saía tudo aqui também (do lado da casa dele). Quando tinha as serrarias, te digo, nós subia quase toda a semana, nós levava muita galinha e ovo pra serrarias. Aqui tinha muito colono, aí não tem saída de ovo, mas as serrarias precisavam de muito ovo. Toda semana era uma carga para vender lá em cima nas serrarias<sup>11</sup>.

Passando por ciclos de povoamento e também por ciclos econômicos que dinamizaram a vida nessa região meridional do país, a prática de subir e descer a Serra Geral, no caso dos moradores da parte baixa, ultrapassou os tempos. O comércio via tropeirismo foi fundamental para a manutenção dos negócios, mas a roça era extremamente importante para subsidiar esse comércio. Historicamente, esses roçados de encosta detêm a probabilidade de terem sido iniciados ainda no século XIX, quando os primeiros estancieiros, sob uma necessidade (solo ácido e geadas no inverno), resolveram apossar-se dessas terras baixas para suprirem à carência de gêneros alimentares na suas estâncias. Quase um século depois, os trabalhos agrícolas também foram fundamentais para a instalação das serrarias nas bordas da serra.

No século XX, com a chegada das madeireiras e serrarias<sup>12</sup> e o seu grande auge a partir da década de 1950, essas roças continuaram subsidiando, numa certa medida, viveres para os enumerados contingentes de trabalhadores que instalaram-se nas serrarias. Em todo esse tempo, como verificou-se nesse trabalho, a roça demonstrou ser de extrema utilidade para a integração da planície com o alto serrano, além é claro, de dinamizar e fortalecer a formação das cidades da região e seus respectivos municípios. Pode-se dizer que os roçados e o resultado de seus produtos agrícolas foram integradores em relação aos trabalhos realizados na pecuária e do esforço em conduzir mercadorias pelos tropeiros. Esse ciclo de relação chega com força até a década de 1960, a partir de então a criação do Parque Nacional de Aparados da Serra em 1959 e sua ampliação para as terras catarinense em 1972 e mais a abertura de

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada com o Sr. Alziro Borges Ribeiro, 78 anos, em 09 de setembro de 2008.

<sup>12</sup> Por volta de 1930 começa a ser instaladas as primeiras serrarias na região do alto da serra onde hoje é o município de Cambará do Sul, (RS).

estradas trafegáveis a automóveis que ligavam o litoral a serra, acarretaram, gradativamente na diminuição dessas relações. O tropeiro foi substituído por caminhonetas e caminhões, ao passo, que o produtor agrícola e o pecuaristas tiveram suas atividades restringida devido a proteção ambiental, principalmente, à aqueles trabalhadores próximos ao cânion Irambezinho e vales do “pé-da-serra”.

Ironia do destino ou não, de acordo com a documentação e as fontes analisadas nessa pesquisa, as serrarias que substancialmente provocaram um aumento do comércio entre os produtos da roça com o alto da serra nessa primeira metade do século XX<sup>13</sup>, também foram os catalisadores dos movimentos ambientalistas em prol da criação de áreas naturais protegidas. A grande quantidade de araucárias derrubadas pela serrarias, vai de vez, proporcionar a preocupação e a chegada dos cuidados com o meio ambiente na região. Circunstâncias que ao longo da década de 1960 vai começar a alterar de vez o modo de vida e o cotidiano dessas pessoas que buscavam a prosperidade, a segurança familiar e a propriedade no fundo da grotta do Rio do Boi.

### **Consideração final**

Essa pesquisa é parte de um trabalho que destinou-se à dissertação de mestrado em História como citado em nota anteriormente. Todos esses aspectos apontados sobre o envolvimento de pecuaristas – tropeiros – agricultores, teve como objetivo demonstrar as inúmeras peculiaridades culturais e econômicas surgidas a partir do esforço que determinados grupos de pessoas mantiveram para “vencer” as barreiras naturais da encosta da Serra Geral. Em relação ao alto da serra com a planície, não só o clima e o solo distinguem-se, como no presente, a cultura e a economia. Essa distinção proporcionou ao longo do tempo características próprias relacionadas ao modo de vida e do trabalho até determinado tempo, quando as forças capitalistas e industriais terminaram por favorecer a integração dessas duas partes.

Outro fator importante que merece destaque é relacionado as condições e modos de povoamento que essa região teve ao longo do tempo. A distribuição das sesmarias para

---

<sup>13</sup> De acordo com os entrevistados, antigos moradores da comunidade do Fundo do Rio do Boi, a chegada das serrarias provocaram um aumento nas vendas dos produtos agrícolas produzidos nas roças de inúmeras vilas da região de Praia Grande (SC). Conforme os relatos analisados as serrarias eram observadas com euforia por parte da população local por fortalecer a economia e favorecer gradativamente o aumento populacional de Cambará do Sul (RS). Para se ter uma ideia, por volta da década de 1960, apenas na região de cima da serra, nas proximidades da área que destinou-se ao parque nacional havia mais de 60 serrarias.

estancieiros no alto da serra deu suporte econômico para a aproximação de inúmeros outros trabalhadores que deslocaram-se para a serra ou “pé-da-serra” tendo em vista a oportunidade de trabalho. Foram esses, primeiramente, tropeiros e agricultores, que conforme discutido nessa pesquisa, demandavam por conta da existência dessa mão de obra a fim de suprirem as necessidades para que os negócios funcionassem. E essas características ainda serão vistas até o momento da implantação das serrarias nessas localidades. Esse ponto de vista vai em oposição (em partes é claro) daquela interpretação histórica de que a região foi colonizada por imigrantes alemães e italianos. De fato, imigrantes ou descendentes destes, deslocaram-se de outras regiões para as margens do rio Mampituba, não sendo maioria, e a partir da segunda década do século XX. Antes disso e depois disso também, como foi visto, inúmeros outros trabalhadores, com mestiçagem brasileira, foram os principais povoadores dessa região.

### Referências

BRIGHTWELL, Maria das Graças S. L.; NODARI, E. S.; KLUJ, João. (orgs). **Saberes e Sabores de Praia Grande: Práticas Alimentares, Memória e História**. Universidade Federal de Santa Catarina. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, 2005.

CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: período colonial**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

CORVINO, Renata C. **A Influência do Tropeirismo na Formação do Município de Praia Grande – SC, 1900-1975**. In: *Tempos Acadêmicos*. Revista do Curso de História: UNESC, 2005.

FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORTES, Amyr Borges. **Compendio de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1981.

OSORIO, Helen. Estancieiros que plantam, lavradores que criam e comerciantes que charqueiam: Rio Grande de São Pedro, 1760-1825. In: **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

PERES JR, Vilmar. Praia Grande no Lombo das Mulas: O grande transporte de alimentos. In: BRIGHTWELL, Maria das Graças S. L.; NODARI, E. S.; KLUJ, João. (orgs). **Saberes e Sabores de Praia Grande: Práticas Alimentares, Memória e História**. Universidade Federal de Santa Catarina. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, 2005.

PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. SP: editora contexto, 2011.

RAHMAIER, Clarissa S. **A Experiência da Paisagem Estancieira: Um estudo de caso em arqueologia fenomenológica. Estância Vista Alegre, Noroeste do Rio Grande do Sul, séc.**

**XIX.** Tese de Doutorado apresentada no programa de pós graduação em História. Porto Alegre: PUC/RS, 2007.

RAMBO, Pe. B. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de uma monografia natural.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2005.

REITZ, Pe. Raulino. **Paróquia de Sombrio.** Brusque, SC: [S.E], 1948.

RONSANI, Gilberto. **Praia Grande. Cidade dos Cânions: 180 anos de história.** Praia Grande: ed. do autor, 1999.

SPRÍCIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos Esquecidos Sujeitos Lembrados: a escravidão registrada na Freguesia do Araranguá no século XIX.** Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, 2003.

STRAFORINI, R. **No Caminho das Tropas.** TCM Comunicações, 2001.

TEIXEIRA, L. **Entre a Serra e o Litoral: fugas e quilombos na fronteira leste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.** Anais do II encontro escravidão e liberdade no Brasil meridional, 2005.